

Estimular e encantar p.4

Confissões de pais de adolescentes p. 6

Aprendendo novas lições p. 8

A dedicação como princípio p.12

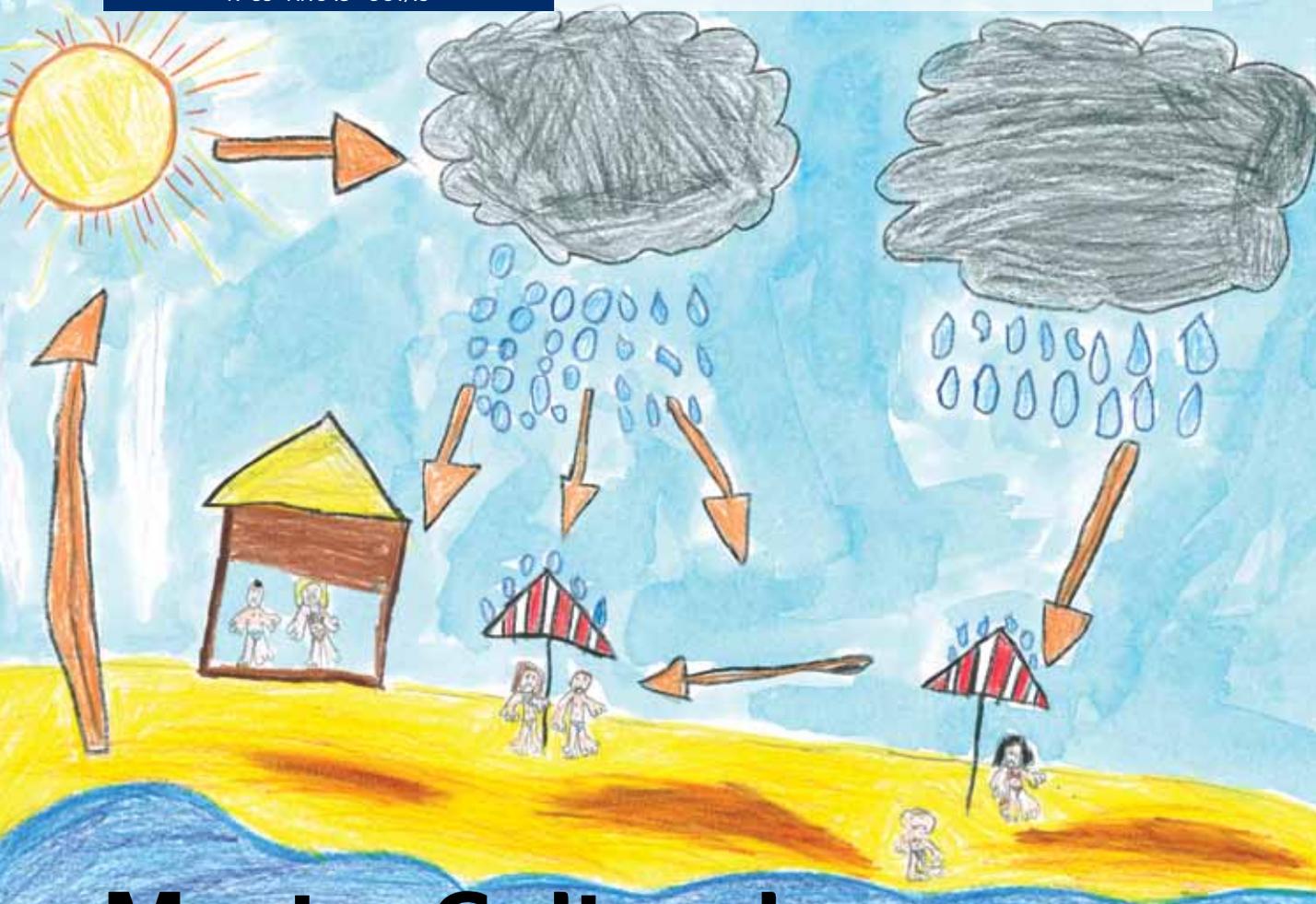


Ilustração por
Davi Oliveira, 4º ano B

Mostra Cultural: um novo início

Feira de livros, prêmios científicos,
dinossauros e vulcões, o homem e a água
- em 2013, a Mostra Cultural retornou maior,
mais diversificada e mais emocionante p.10

Profissional e humanista

Embora as atenções estejam voltadas para as comemorações pelos 20 anos do Sabin, completados em outubro, quero aproveitar o espaço para falar sobre uma importante novidade marcada para o ano que vem. Como assessor cultural do Programa Sabin+Esportes&Cultura, anuncio que, a partir de 2014, o Programa oferecerá duas novas atividades como opção para os interessados: os cursos de **Robótica**, para estudantes do Ensino Fundamental II (do 6º ao 9º ano), e de **Orientação Profissional e Empreendedorismo**, para os do Médio.

À primeira vista, os novos cursos podem parecer uma escolha do Sabin por um reforço antecipado à formação profissional dos nossos alunos, para dar-lhes melhores chances de ingresso, mais adiante, em áreas valorizadas do mercado de trabalho. Não deixa de ser. O principal objetivo para acrescentarmos os dois cursos no Sabin+Esportes&Cultura, porém, é, de certa forma, mais simples e mais profundo. É preciso que isso fique claro.

No caso do Empreendedorismo, seguiremos metodologia elaborada pelo psicoterapeuta Leo Fraiman, especialista em orientação profissional e parceiro do Sabin, em diversas ocasiões. Fraiman considera que empreender é muito mais do que “abrir um negócio” ou “traçar um plano de carreira”. Empreender, para ele – e nós compartilhamos de sua visão –, é assumir uma postura de vida. É fazer-se relevante para

o mundo. Isso envolve trabalhar aspectos cognitivos, atitudinais, comportamentais e emocionais do aluno, como autoconhecimento, autoimagem, capacidade de comunicar-se e de relacionar-se, disciplina, ética, consciência de coletividade, solidariedade. Tudo isso, elementos nos quais eu já me detenho, como professor de Teatro do Sabin, razão por que o Colégio me escolheu para ser, também, professor desse novo curso, para o qual venho me preparando, com grande honra.

Motivação semelhante levou-nos a optar pela Robótica. Além de representar grande contribuição na formação de alunos que, eventualmente, optem por áreas afins, como Engenharia ou Computação, o curso visa desenvolver competências úteis a qualquer um, como o raciocínio lógico, a resolução de problemas e o trabalho em equipe. O curso será ministrado pelo nosso professor de Informática, Paulo Fontes, em parceria com profissionais da empresa Lego, que tem um braço educacional cujo trabalho pareceu-nos bastante afinado com nossa proposta.

Em minha opinião pessoal, trata-se de iniciativas ousadas, mas perfeitamente condizentes com a filosofia do Sabin. Compreensíveis, em se tratando do mercado de trabalho, mas, principalmente, admiráveis pelo aspecto humanista que agregam à formação profissional dos nossos alunos. Algo que, afinal, o Colégio vem fazendo com sucesso há 20 anos.



Ricardo Sonzin Jr.
Assessor cultural do Programa Sabin+Esportes&Cultura
rjunior@albertsabin.com.br



20 ANOS ESCRIVENDO HISTÓRIAS

Ensinar é criar oportunidades. Se o lema que norteia nossa proposta pedagógica continua tão pertinente quanto sempre foi, neste ano, ao completarmos duas décadas de existência, podemos afirmar que ensinar também é escrever histórias. Histórias de vida de cada um de nossos alunos, pais, professores e colaboradores. Histórias de desafios e conquistas individuais e coletivas. Histórias de lições e aprendizado – inclusive nosso, enquanto

Colégio aprendendo a ensinar cada vez melhor. Por isso, em 2013, é com esse lema que comemoramos os 20 anos do Colégio Albert Sabin. Diversas ações foram preparadas para envolver todos os públicos nas comemorações (*conheça uma delas na página 6*). São ações para relembrar alguns dos melhores momentos e para escrever novos capítulos dessa grande história de sucesso, à qual o **MAIS** presta homenagem.

EXPEDIENTE Colégio Albert Sabin Ltda. Av. Darcy Reis, 1.901 – Pq. dos Príncipes – São Paulo – SP – Tel.: (11) 3712-0713 – www.albertsabin.com.br
– Sabin Mais Cultura e Informação é o órgão de comunicação do Colégio Albert Sabin Mantenedores: Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima Direção: Giselle Magnosão Marketing: Adriana Vaccari Colaboradores: Áurea Bazzi, Denise Araújo, Dionéia Menin, José Roberto Ramalho Pinto, Laércio Carrer Diagramação e Arte: Giovanna Angerami Redação: Alexandre Bandeira Jornalista Responsável: Alexandre Bandeira MTB 49.431 Produção Gráfica: Ricardo Gomes Moisés Fotografia: Divulgação Sabin, Paulo Barcelos, Rodrigo Jacob Revisão: Adriana Duarte, Angela Maria Folloni de Souza Impressão: Flor de Acácia Esta é uma publicação da Baraúna Comunicação – Tiragem de 5.000 exemplares – Distribuição gratuita – Outubro de 2013

“A escola não pode fazer tudo”

Educador português afirma que pais e sociedade têm de cobrar menos e dividir mais responsabilidades com a escola.

Para o educador português ANTÓNIO NÓVOA, as escolas atuais podem fazer mais do que fazem hoje, mas devem fazer menos do que se cobra delas. Doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra, na Suíça, e professor catedrático da Universidade de Lisboa, da qual já foi reitor, Nóvoa entende que mudanças na escola do século XXI são necessárias, especialmente, em relação à figura do professor, que deve ser valorizada. Ao mesmo tempo, porém, é crítico contundente de uma mentalidade que atribui quase exclusivamente às escolas toda a responsabilidade sobre as novas gerações. Para Nóvoa, “a finalidade da escola deve ser a aprendizagem”, enquanto outras questões da formação de crianças e jovens – como a transmissão de valores ou a consciência ambiental – têm de ser, necessariamente, compartilhadas com a sociedade. No fim de agosto, Nóvoa esteve no Sabin para dar uma palestra à equipe docente do Colégio, quando ele diz ter sentido “uma vontade de pensar a Educação e de trabalhar de forma cooperada, o que é, sem dúvida, uma das principais condições da escola do futuro”. O MAIS aproveitou sua presença para uma breve entrevista.



de nós. Por outro lado, buscar projetos educativos coerentes, no espaço da escola, que saibam definir bem as prioridades de aprendizagem, em vez de considerar que a escola pode fazer tudo.

O que a escola precisa oferecer para o professor?

É preciso valorizar a profissão docente, do ponto de vista material e simbólico. A situação atual é inaceitável. Pede-se tudo aos professores, mas dá-se-lhes muito pouco. E, depois, é fundamental que haja um reforço das culturas de colaboração, de partilha, de discussão entre os professores. Formação continuada não é fazer uns cursos ou seminários fora da escola. É trabalhar, pensar, refletir, em conjunto com os outros professores, na escola, sobre os problemas da aprendizagem.

O Sr. já criticou a “avalanche de conteúdos” exigidos da escola hoje, defendendo que ela se atenha às “disciplinas elementares” e deixe para a sociedade a responsabilidade de outros aprendizados, como educação ambiental e cidadania. Não dá para conciliar?

Tem de ser possível conciliar. [Mas] a situação que se vive hoje torna a escola impossível. A escola não pode fazer tudo. Já Paulo Freire falava da “cidade educadora”, conceito que divide responsabilidades entre escola e sociedade. É evidente que a escola deve promover conhecimento nas áreas ambientais ou da cidadania, mas deve fazê-lo a partir da aprendizagem escolar. É esta a especificidade da sua missão.

Que papel os pais dos alunos devem tomar na educação dos filhos?

Pessoalmente, interessa-me menos a relação pais-escola e interessa-me mais a relação pais-filhos. Dito de outra forma, interessa-me mais que os pais assumam suas responsabilidades educativas perante os filhos, libertando a escola para as tarefas da aprendizagem.

O Sr. já declarou que “educadores competentes valem mais do que qualquer técnica, método ou teoria”. Mesmo o melhor educador, no entanto, precisa de estrutura. Que mudanças são necessárias no modelo de escola atual?

Quis realçar a importância dos professores. Nada substitui um bom professor. É preciso que tenhamos consciência disso. Hoje, há dois movimentos imprescindíveis. Por um lado, compreender a nova geração de alunos, a geração da revolução digital, do “pequeno polegar”, como a caracteriza o filósofo francês Michel Serres [devido ao uso dos polegares para digitação em celular]. Compreender esta geração é compreender que ela pensa, age, comunica-se e aprende de maneira diferente



Renata Cunha, assessora de Inglês da Educação Infantil e do Fundamental I: motivando a aprender um novo idioma.

Estimular e encantar

Assessora explica como é conduzido o ensino de Inglês para os pequenos, antes de ingressarem na estrutura por nível de conhecimento.

As aulas no Estúdio de Inglês acontecem uma vez por semana e são sempre divertidas. No *English Studio*, a dinâmica é diferente de uma aula tradicional: jogos e brincadeiras fazem parte da rotina, não é incomum ver a turma dançando ao som de música, e a interação entre os alunos é, a todo momento, incentivada, em atividades dirigidas que ajudam a desenvolver as competências da conversação. O ambiente em si é estimulante. Em uma parede, uma lousa de vidro posicionada à altura dos alunos convida-os a soltar a imaginação. Em outra, estações

de leitura dispõem de um acervo atualizado de livros e gibis em Inglês. No lugar do quadro-negro, uma “lousa interativa”, tecnologia que projeta numa parede uma interface sensível ao toque, cria uma espécie de *tablet* gigante que encanta qualquer um, principalmente, as crianças.

Nada disso é por acaso: para a equipe de Inglês responsável pelas turmas do Fundamental I do Sabin, que são as que utilizam o Estúdio, *estimular* e *encantar* são palavras-chave.

“Até o 6º ano – quando dividimos as turmas por nível de conhecimento, não mais por séries,

e adotamos uma estrutura de ensino mais formal do idioma –, é muito importante inspirar e consolidar nos alunos a vontade de aprender uma outra língua, para seguirem motivados quando começar a etapa de maior complexidade”, diz Renata Cunha, professora e assessora de Inglês da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I. Nesses segmentos, explica a assessora, o foco do aprendizado está na oralidade (fala e compreensão auditiva) e em leituras iniciais. Ainda não é o momento de exigir maior domínio da estrutura e das regras da língua inglesa. “Eles estão aprendendo, primeiro, as regras da própria língua materna, adquirindo algumas noções gramaticais a partir do 2º ano, estudando pronomes a partir do 3º. Ainda não é a hora do Inglês.”

Até chegar o momento de “maior formalização do ensino”, como coloca Renata, a regra é oferecer a todos os alunos o maior número de *inputs* (estímulos), expondo-os ao idioma, através de tecnologias e atividades diversas. “Nessa idade, eles precisam se mexer, precisam de um ensino mais dinâmico e divertido para não ficarem *bored* (entediados)”, diz a assessora. Mas esclarece: diversão não é sinônimo de desimportância.

“Quanto mais estimulados, mais preparados estarão para iniciar o 6º ano.”

O próprio cargo de Renata é medida recente do Sabin, tomada neste ano para garantir uma melhor transição entre os dois ciclos. Como assessora, Renata atua junto à equipe do Departamento de Inglês, no Prédio Van Gogh, para garantir qualidade ao curso desde a Educação Infantil e do Ensino Fundamental I, no Prédio Da Vinci, proporcionando melhor continuidade da proposta pedagógica.

Quanto mais estimulados os alunos, mais preparados estarão para o 6º ano.

E essa não é a única ponte que a nova assessoria busca estabelecer. “Renata se torna uma interface, no Departamento, para os pais de alunos dos segmentos iniciais. Assim, além da Coordenação Geral, que oferece um olhar mais amplo da educação integral do aluno, as famílias podem contar com uma interlocutora específica para questões do Inglês, se assim desejarem”, diz Denise Araújo, coordenadora do Departamento de Inglês (responsável pelas turmas do Fundamental II em diante).

Dionéia Menin, coordenadora da Educação Infantil e do Fundamental I, acrescenta que “a presença de Renata sistematiza o trabalho de envolver o Inglês em mais projetos interdisciplinares nos anos iniciais”. “Como ela participa das reuniões de assessoria, ela consegue articular os objetivos do Inglês

com os dos assessores de outras disciplinas”, diz Dionéia. Ela cita como exemplos um projeto do 5º ano, em conjunto com a Informática, no qual os alunos construíram um desenho animado com diálogos em inglês, e um do 4º ano, em conjunto com a Geografia, que previa a elaboração da maquete de uma cidade com legendas bilíngues, indicativas dos edifícios públicos e comerciais: *farmácia/drugstore*, *biblioteca/library*, *delegacia/police department*, etc. Atividades divertidas, sem dúvida, que ajudam a incutir nos alunos o desejo de dominar o idioma.

“Eles ainda não têm a noção real da importância que o Inglês vai assumir em suas vidas no futuro, é claro”, diz Renata. “Mas já sabem que gostam de aprender e que *querem aprender*. Isso é fundamental.”



NOVOS DESAFIOS

A torre impõe-se mais alta do que o castelo. O acesso pode ser feito pela escada, mas os mais aventureiros, como **Pietra Ramos**, 3 anos, preferem a parede de escalada ou a rede de cordas. Lá de cima, ela consegue ver, ao longe, cavalos à espera de montaria. Convites à imaginação e à atividade física, os novos brinquedos da Educação Infantil estreamam no segundo semestre como parte da reforma nos ambientes recreativos e pedagógicos do segmento. “Queríamos um visual mais moderno e melhor utilização do espaço”, diz Dionéia Menin, coordenadora pedagógica da Educação Infantil e do Fundamental I. “O parque está maior, com mais brinquedos e novos desafios.” Não é só: como medidas de acessibilidade, pode-se chegar às duas salas ao lado da Cozinha Experimental via portão lateral, evitando-se as escadas; a porta de entrada do Maternal está mais larga; e construímos um novo banheiro, específico para alunos com necessidades especiais. Isso sem falar no mobiliário das salas de aula, todo renovado.

Confissões de pais de adolescentes

Psicóloga responde a dúvidas de pais sobre criação de filhos em programa de rádio que comemora os 20 anos do Sabin.



S.O.S. EDUCAÇÃO COM LIDIA ARATANGY

Rádio Eldorado (107.3 FM), de segunda a sexta, entre 7h e 9h (com reprise entre 17h e 19h).

Envie sua pergunta para perguntaradio@albertsabin.com.br ou a deposite na urna na Recepção. Não precisa se identificar. Até 20 de dezembro.

Para educar um filho adolescente, não precisa ser santo nem herói. É o que garante a psicóloga e terapeuta familiar **Lidia Aratangy**, autora de diversas obras sobre o tema, como *Para Entender Adolescentes na Era Digital*, *Doces Venenos: conversas e desconversas sobre drogas e Pais que Educam Filhos que Educam Pais*. Para quem é pai, no entanto, é inevitável experimentar certa ansiedade sobre a criação de um filho, especialmente em idade tão delicada. O que proibir, o que permitir? Como evitar erros que comprometam a felicidade do jovem no futuro? “E se eu errar na frente do meu filho?” As armadilhas existem, mas a psicóloga afirma: “Esse negócio de educação não é tão radical, gente! Claro que pode errar. O importante é ser coerente”. Agora, ela tem a oportunidade de ouvir, orientar e tranquilizar esse público. Como parte das ações comemorativas pelos 20 anos do Colégio, Lidia está apresentando um programa na Rádio Eldorado, no qual responde a perguntas enviadas por pais e familiares do Sabin (veja informações ao lado). Confira trechos da entrevista que a terapeuta concedeu ao **MAIS**, antecipando alguns tópicos de que deve tratar nos próximos meses.



Drogas: entre a proibição absoluta e a liberdade com esclarecimento

Sejamos realistas: proibição absoluta é impraticável. Informação e esclarecimento são importantes, mas não suficientes. A questão das drogas tem uma dimensão emocional que costuma ser esquecida. Há no jovem uma inquietação, uma necessidade de experimentar coisas novas, e o mundo está muito pobre de estímulos. É preciso ver se o jovem tem vida suficientemente rica de interesses, de objetivos, de afetos. Saber o que leva o jovem às drogas é fácil; a questão é saber o que faz com que alguns *não experimentem*. A paixão! Por uma causa, um movimento, uma relação amorosa... coisas que os tomam de verdade. Isso não significa garantia de que não vão experimentar; mas, se experimentarem, dificilmente a droga tomará espaço.



A fase do isolamento

Em geral, as crianças chegam loucas para contar o que aconteceu na escola, *mas nenhum pai quer ouvir*. A mãe diz: “Estou dirigindo, depois a gente conversa”. O pai diz: “Estou vendo o noticiário, depois a gente conversa”. Os pais passam um tempão dando sinais de que o que acontece com os filhos não tem interesse, até que aparecem os

primeiros namorados, e aí, sim, eles querem saber tudo. O adolescente não vai acreditar que é demonstração de interesse, vai achar que é controle. É preciso lembrar que quem “fechou a porta na cara do outro” primeiro foi o pai ou a mãe. A fase de isolamento é necessária, mas pode ser menos radical se a relação entre pais e filhos for acontecendo de uma maneira mais próxima.



“Aborrescentes”

“Aborrescente” é quem usa essa expressão. É um rótulo horrível, um preconceito. O jovem é “aborrescente” porque pergunta, questiona, confronta? Isso não tem nada de aborrecido, isso é muito rico! O conflito é importantíssimo: quando falamos em educar para a paz, parece uma coisa formidável, mas também significa educar para o conflito, para o adolescente saber entrar em conflitos sem hostilidade, saber que diferenças de opiniões não tornam as pessoas inimigas.



Artes, esportes e autoestima

Uma coisa é incentivar a prática esportiva. Outra coisa é ser tão competitivo que, “se não vier com medalha, não é meu filho”. Ter contato com a arte é muito bom, mas não é para ficar elogiando quaisquer três rabiscos como se o menino fosse um Picasso “para estimular a criatividade”. Vamos lembrar que criatividade também é repertório, é entrar em contato com diversas obras.



Tudo o que eles querem saber sobre sexo

Pais e mães transmitem noções de sexualidade à criança desde que ela nasce. No jeito de lidar com ela, de dar um banho, na maneira como se relacionam um com o outro. Quando uma criança faz uma pergunta sobre sexo, ela não veio do nada. Antes de responder, é bom descobrir o que ela sabe e o que quer saber. Se ela está perguntando é porque já fez várias hipóteses e não gostou de nenhuma. Em geral, as hipóteses são muito mais assustadoras do que qualquer resposta que se possa dar. E nada de “ainda não é hora”: tem sempre algo a ser dito, uma resposta compatível com o nível da criança.



Filhos da revolução digital

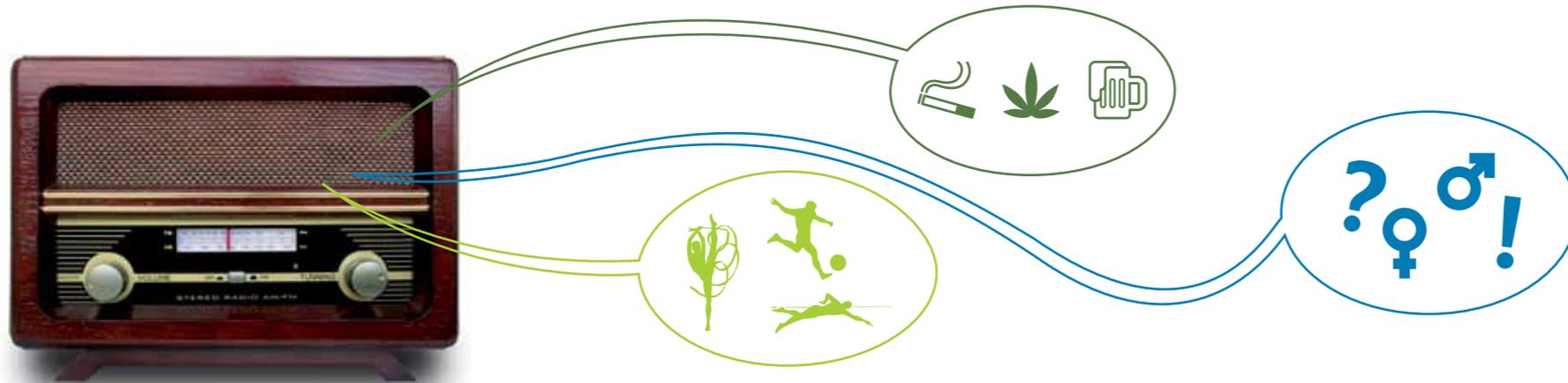
[Adolescentes de hoje] são “multiplugged”. Os pais não entendem como o filho pode estar no computador, um iPod no fone de ouvido e a televisão ligada, e dizer que está estudando. Mas é capaz de estar mesmo! E mais: as novas gerações têm um nível de informação que nenhuma outra teve. Só que informação não é conhecimento, e conhecimento não é sabedoria. Eles têm mais informação, mas precisam ser levados, buscados, trazidos. A minha geração dominava a cidade de São Paulo, ia de um bairro para o outro a pé, de ônibus, do que fosse. Hoje, o adolescente não faz isso, não só pela superproteção, mas porque o mundo está mais violento mesmo. É preciso dar autonomia aos poucos, ir ensinando o caminho, até perceber que ele pode fazer sozinho. Mas isso vai de cada filho, de cada pai, de cada bairro, de cada cidade...



Denise no Laboratório de Idiomas: conquista do Depto. de Inglês.

IMPULSO PARA AVANÇAR

Há 10 anos, uma importante decisão fez o número de professores de Inglês do Sabin praticamente dobrar. Era o início do Departamento de Inglês, que dividia os alunos do Fundamental II ao Ensino Médio não mais por série, mas por nível de desempenho. Com uma estrutura mais próxima de um curso de idiomas do que de uma escola regular, o Departamento recebeu consultoria inicial do CEL-LEP e passou a atender turmas de, no máximo, 15 alunos. A coordenadora **Denise Araújo** relembra esse momento, que representou grande melhora na qualidade do ensino de Inglês no Colégio: “A reação dos alunos foi ótima. A maioria pôde avançar no conteúdo sem as amarras de sua série”. Para o corpo docente, foi uma mudança radical: “Existem sete séries, mas 16 níveis de Inglês, e as turmas são bem menores. Por isso, foram precisos mais professores. Passamos por um curso de dois anos para que o ensino abarcasse melhor as quatro competências: leitura e escrita - em geral cobertas por uma escola regular - e fala e compreensão auditiva, que precisam de estrutura mais enxuta por turma”. Dez anos depois, os resultados provam que valeu a pena.



Aprendendo novas lições

Professores do Sabin vão aos Estados Unidos para conhecer práticas inovadoras de ensino e refletir sobre sua atuação em sala de aula.

Em um tijolo maciço de superfícies lisas, uma formiga capta a presença do mel. O alimento está perto: inseto e gota de mel estão em faces opostas do bloco retangular. Orientada pelo cheiro, a formiga inicia um trajeto pelo caminho mais curto até o seu destino.

Os alunos ouvem a exposição do problema e são desafiados a descobrir o caminho feito pela hipotética formiga, concebida pelo professor e assessor de Matemática do Sabin, Dalson Graça. Em uma superfície plana e sem obstáculos, bastaria o senso comum para se obter a resposta: a menor distância entre dois pontos é uma linha reta. Já em um poliedro, o caminho não é tão óbvio e surpreende quase todos. O próprio Dalson está positivamente surpreso. Não com a resposta, mas com o sucesso da aula, que inspira discussões acaloradas

e, visivelmente, mantém o interesse da turma – mesmo com a diferença de idiomas entre alunos e professor, que ali é tratado por “Mr. Dalson”.

Essa aula aconteceu em julho passado, na Universidade de Notre Dame, estado de Indiana, nos Estados Unidos, como parte do *Math Circle* (“Círculo da Matemática”), evento anual que é uma espécie de curso extracurricular para alunos do Ensino Fundamental ao Médio e atividade de formação para professores do mundo inteiro. Para os alunos, há o atrativo de aulas instigantes, focadas em desafios e jogos; para os professores, há o que Dalson chamou de “espírito de círculo de discussões”: “Durante uma semana, nós fomos apresentados a projetos pedagógicos inovadores e muito interessantes”, diz ele. “De manhã, professores e alunos de graduação da Universidade assistiam aos projetos. À tarde, cada professor tinha a chance de dar uma aula a estudantes de escolas públicas e privadas,

enquanto os demais acompanhavam, para, depois, trocarmos apontamentos sobre as nossas estratégias.”

A aula de Dalson foi para jovens de 15 e 16 anos, de séries equivalentes à 1ª e 2ª séries do nosso Ensino Médio. Envolveva noções de álgebra e geometria e fazia uso do origami, o que tornou a lição mais divertida (com a técnica das dobraduras, o “tijolo” do problema proposto podia ser desconstruído, tornado plano para se traçar a trajetória da formiga, e, em seguida, reconstruído). “Eu amei o problema da formiga no tijolo. Não sabia que o Teorema de Pitágoras era mais complicado do que parecia”, escreveu um aluno após a aula, em cartões de avaliação entregues à organização do evento. “Gostei de como usamos álgebra elementar para resolver um problema mais complexo; aprendi que devemos sempre buscar uma solução melhor”, registrou outro.

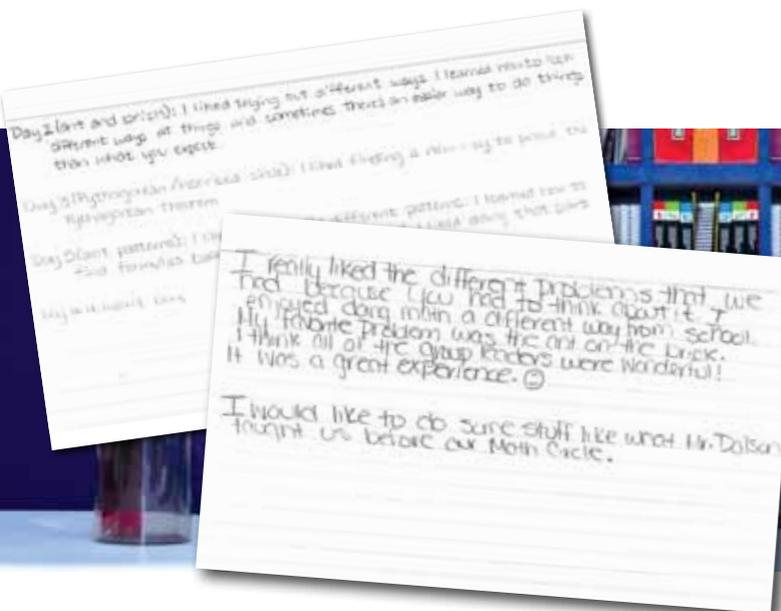
Além de distinções culturais óbvias – “os americanos são mais reservados, atribuem mais autoridade ao professor, eu prefiro desconstrair a turma” –, Dalson nota outra diferença entre os alunos de lá e os de cá: “No Sabin, apresentamos mais conteúdos”, afirma. “Lá, talvez porque o Ensino Superior é mais especializado, algumas coisas são aprendidas apenas na universidade; aqui, já trabalhamos no Ensino Médio”.

O saldo da experiência não poderia ser mais positivo. Além da oportunidade sempre rica de intercâmbio com educadores estrangeiros, Dalson pôde certificar-se de algumas iniciativas que o Colégio vem tomando no caminho da qualificação docente. “Voltei com a certeza ainda maior de que há claros benefícios no modelo de assistência de aulas”, diz Dalson, referindo-se à prática de um professor assistir à aula do colega e compartilhar reflexões sobre as práticas observadas, medida que o Sabin também adota.

A própria viagem para os Estados Unidos, que ele fez a convite do Colégio, foi exemplo da preocupação do Sabin em estimular nos professores a reflexão sobre práticas e teorias pedagógicas. E ele não foi o único.

Como informado no último **MAIS**, também em julho, o professor e assessor de Biologia Aymar Macedo foi ao Krause Center for Innovation, no Vale do Silício, na Califórnia, centro dedicado a pesquisar como a tecnologia pode contribuir para a aprendizagem. Foram duas semanas de curso em um grupo de 60 professores – Aymar e dois professores dos colégios Vital Brazil e Lourenço Castanho eram os únicos brasileiros. “O que percebi de mais forte foi a ênfase que eles dão às oportunidades oferecidas por plataformas de compartilhamento e de interação virtual entre professor e aluno, professor e país, professor e professor”, diz Aymar. “Com *softwares* gratuitos e aplicativos ‘na nuvem’, ou seja, sem necessidade de grande investimento, pode-se fazer muito, expandindo o momento do aprendizado para fora da sala de aula.” A empolgação dele fica evidente nos olhos: “Recebi muita informação nova, mas a contribuição mais importante do Sabin para mim, ao me oferecer essa viagem, talvez tenha sido emocional: o Colégio investe em nós, quer nos dar a chance de refletir e aprimorar constantemente nosso trabalho”.

Dalson e Aymar contam suas experiências nos EUA. Abaixo, alunos americanos elogiam a aula surpreendente de Dalson.



Alunos do Sabin reformam playground em creche de crianças carentes.

ATENÇÃO: VOLUNTÁRIOS TRABALHANDO

Uma das instituições beneficiadas por doações resultantes da Festa Junina do Sabin, a creche municipal **Salvador Lo Turco** vem recebendo uma ajuda a mais do Colégio nos últimos meses. Desde junho, o grupo de alunos do Projeto Voluntariado tem feito visitas periódicas à creche, pronto para transformar o ambiente, que atende 140 crianças carentes, de 0 a 4 anos. Primeiro, foi a reforma do *playground*, cujos brinquedos foram lixados e pintados com material doado por familiares do Sabin e a mão de obra dos alunos. A horta veio na sequência, com a limpeza e o restauro dos canteiros e a plantação de novas mudas. Livros e brinquedos também foram arrecadados. Nada mal para um grupo que, há apenas três anos, contava com apenas nove voluntários, como lembra a professora de Inglês Telma de Oliveira, coordenadora do Projeto Voluntariado. “Hoje, temos 36 alunos e, ano que vem, ofereceremos um novo horário para atender duas turmas e incluir interessados do 8º ano também”, diz. “Tenho certeza de que quem participa leva essa experiência para a vida inteira, sai contagiado pela vontade de ajudar.”

Mostra Cultural: um novo início

Feira de livros, prêmios científicos, dinossauros e vulcões, o homem e a água – em 2013, a Mostra Cultural retornou maior, mais diversificada e mais emocionante.

Já estava dando saudade. Desde 2010 não ocorria uma Mostra Cultural Sabin, evento tradicionalmente bial que acontece em alternância com a Olimpíada Estudantil e que, assim como a Olimpíada, costuma mobilizar todo o Colégio (o hiato de três anos, em vez de dois, deveu-se a mudanças no calendário de 2012). Reunindo conhecimento e diversão, a Mostra sempre rendeu momentos memoráveis de interação entre o público e os projetos apresentados: quem não se lembra de entrar na boca gigante que o 8º ano montou, em 2008, para explicar o sistema digestório do corpo humano? Ou de sentir na pele os efeitos de um terremoto e de brincar de seleção natural nos estandes do Ensino Médio, em 2010?

A Mostra Cultural deste ano, porém, marcou não apenas uma volta, mas um novo início. Em vários aspectos, tratou-se de um evento inédito no Sabin. Um evento maior, mais diversificado e, para boa parte dos alunos do Ensino Médio, mais autoral e emocionante.

Realizada no sábado 5 de outubro, a Mostra já estreou sua primeira grande novidade alguns dias antes. Nos dias 2 e 3, na Biblioteca, pais e alunos tiveram acesso a uma feira de livros, organizada em parceria com a livraria Casa de Livros. Dispondo de uma seleção de títulos de várias editoras e para todas as idades – inclusive livros adultos para os pais –, a feira de livros ofereceu preços promocionais ao público. “Fizemos um acordo que garantia um desconto ao Colégio, que repassamos às famílias”, diz Sônia Alessio, bibliotecária do Sabin



Ilustrações por Murilo Alves Bepler (acima) e por Rafaela Noronha, alunos do 4º ano B, sobre o tema da água.



e uma das responsáveis pela feira. Os livros ficaram à venda na quarta e na quinta-feira, das 8h às 17h30, e no sábado, dia da Mostra, das 11h às 16h. “A inspiração para montarmos uma feira de livros veio de vários pais, que nos pediam algo do gênero para incentivar a leitura dos filhos”, diz Sônia. “Surgiu a oportunidade de a incluirmos no evento maior da Mostra Cultural. Vamos avaliar os resultados e, quem sabe, realizamos novas edições.”

E o sábado ainda teve mais a oferecer. Como é tradição na Mostra, cada série da Educação Infantil ao Fundamental II apresentou projetos coletivos sobre temas variados, que este ano foram de seres míticos do nosso folclore (tema do Pré 2) até criaturas bem reais e aterradoras, como os dinossauros de uma Terra pré-histórica abalada por vulcões (tema do 8º ano). A preservação da água e sua relação com o homem e com o meio ambiente ganhou destaque em 2013 – Ano Internacional de Cooperação pela Água, segundo a Unesco – e inspirou os projetos do 1º, do 4º e do 6º ano (além dos desenhos que ilustram esta matéria e a capa do MAIS).

Até aí, tudo semelhante ao que sempre foi. Mas, segundo Laércio Carrer, coordenador pedagógico do Fundamental II, neste ano a Mostra Cultural Sabin mostrou-se um pouco mais complexa. “A Mostra foi reformulada para se tornar mais interdisciplinar”, diz Laércio. “Antes, os projetos apresentados eram fruto de atividades regulares de uma ou outra disciplina. Agora, decidimos partir de um ‘tema gerador’ para cada série – como a água para o 6º ano ou a história do conhecimento para o 9º ano – e conceber um projeto que envolva o maior número de conteúdos possível. Queremos reforçar nos alunos a noção de que o saber não está dividido.”

Mas a mudança mais evidente na natureza da Mostra Cultural veio do Ensino Médio. Por um lado, permanece-

ram algumas das tradicionais atividades dirigidas que envolvem séries inteiras num mesmo projeto definido pelos professores – caso do divertido concurso de pontes de macarrão, realizado pela terceira vez neste ano, organizado pelo professor Valdir, de Física (veja box). Por outro lado, como anunciado no último MAIS, em 2013 os alunos da 1ª à 3ª série do Médio tiveram a chance de submeter projetos inteiramente concebidos, planejados e executados por eles para participação no **I Prêmio Albert Sabin de Pré-Iniciação Científica**, o Consciência Sabin. “É uma mudança muito importante”, diz Áurea Bazzi, coordenadora pedagógica do Ensino Médio. “Se antes os projetos eram muito associados ao professor, esse Prêmio é realmente *dos alunos*.”

De 43 projetos apresentados à Comissão Julgadora até o final de junho, 30 foram aprovados (por limitações de espaço, vale ressaltar), envolvendo 109 alunos. “E sabe o que é mais bonito? Não vale nota. Eles fizeram por interesse próprio e dedicação à Ciência”, diz Áurea. Os títulos dos projetos deram uma ideia da variedade de temas: “O futuro da humanidade na exploração espacial” (Física), “O impacto das manifestações na consciência política brasileira”

(História), “Mesa de sinuca – propriedades da elipse” (Matemática), “A *Iliada*” (Português), entre outros.

Para a organização da Mostra, o Prêmio representou um desafio. “Precisamos acomodar muito mais projetos agora”, diz Adriana Vaccari, gerente de Comunicação e Marketing do Colégio. “Se antes eram poucos por série, neste ano foram trinta só no Ensino Médio!” Para o público, porém, todo o esforço do Colégio mostrou-se compensatório, ao garantir uma Mostra mais rica, mais interessante e com tudo para se tornar ainda mais memorável do que sempre foi.

De 43 projetos apresentados, 30 foram aprovados para concorrer ao Prêmio.



“A MOSTRA SE TORNA MAIS AUTORAL”

Escolhido como orientador do maior número de projetos (dez) no Consciência Sabin, o professor de Física **Valdir Santos** fala sobre a Mostra Cultural 2013.

Por que a Física inspirou mais projetos?

A Física sempre se prestou a projetos divertidos, como os lançamentos de foguetes ou o concurso de pontes de macarrão.

Para muitos, a Física tem fama de ser uma disciplina árida.

Costumo dizer que quem tem restrição à Física é porque teve um professor que não soube ensinar. No Sabin, acho que conseguimos fazer

com que os alunos gostem de aprender.

O que acha do Prêmio Consciência Sabin?

A Mostra se torna mais autoral. Nas atividades dirigidas, os alunos aprendem efetuando projeto proposto pelo professor. Já a liberdade dos temas no Prêmio amplia o aprendizado, faz com que eles desenvolvam outras competências e explorem assuntos, eventualmente, não previstos no currículo.



Danilo Baptista Gonçalves é aluno da 3ª série D do Ensino Médio e autor desta matéria.

A dedicação como princípio

Numa iniciativa inédita, 40 alunos sacrificam parte das férias por melhores chances no vestibular.

O dia 1ª de julho de 2013 poderia ter representado o início de mais um período de férias para os alunos do Colégio Albert Sabin. Para quarenta deles, no entanto, a primeira quinzena do mês serviu para rever conteúdos importantes e para desenvolver novas habilidades, tendo em vista os vestibulares de fim de ano.

Obter um desempenho satisfatório nesses concursos não é uma tarefa fácil, e foi com base nisso que alguns estudantes pediram à Coordenação do Ensino Médio aulas extras durante o mês de julho. A organização de um Curso de Férias foi a maneira encontrada pelas partes envolvidas para a manutenção do ritmo intenso de estudos e para a resolução de exercícios mais desafiadores.

Composto por Física, Química, Matemática e Redação, o curso teve seis aulas diárias e foi administrado pelos professores Valdir Oliveira, Áurea Bazzi, Alexandre Antonello e Denise Maiolino. Foi com a ajuda deles que os alunos dispuseram de 50 horas para aprender novos conceitos e aprimorar as deficiências.

O aluno **Bruno Camargo**, da 3ª série D, foi um dos que levantaram a possibilidade de se organizar o Curso de Férias. “Estávamos preocupados com a perda de ritmo que traria o período sem estudos, então expusemos isso à Coordenação”,

diz. “Como muitos alunos pretendem fazer Direito, Engenharia ou Medicina, que são cursos de concorrência elevada, todos perceberam a importância de seguir estudando, mesmo que isso significasse perder parte das férias”, acrescenta Bruno, futuro estudante de Medicina.

Já **Fabrizio Rossi**, da 3ª B, afirma que as aulas superaram suas expectativas. “Foi uma oportunidade muito boa para focar nos conteúdos que mais aparecem nos vestibulares. Estou certo de que todo o esforço terá um resultado positivo no futuro”, diz Fabrício, que pretende cursar Engenharia Química.

A adesão dos alunos do Colégio Albert Sabin às aulas extras no período de férias representa um compromisso inédito entre eles e a escola. O Curso de Férias foi realizado pela primeira vez neste ano e causou boas impressões em todos que fizeram parte dele. “Espero que os próximos estudantes da 3ª série do Ensino Médio também possam usufruir desse benefício, já que é mais uma forma de aprender e de fazer diversos exercícios”, diz Bruno.

